



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ADELMA DINIZ FERNANDES

**A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
UMA REALIDADE ESCOLAR**

Campina Grande – PB

2014

ADELMA DINIZ FERNANDES

**A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
UMA REALIDADE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia de Assis

Campina Grande – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363a Fernandes, Adelma Diniz

A agressividade na educação infantil [manuscrito] : uma realidade escolar / Adelma Diniz Fernandes. - 2014.
30 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Maria Célia de Assis, Departamento
de Pedagogia".

1. Educação Infantil 2. Agressividade 3. Desenvolvimento
Infantil I. Título.

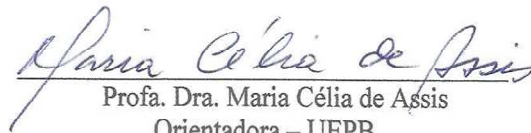
21. ed. CDD 372

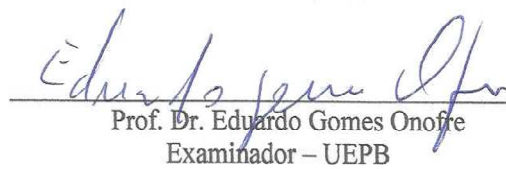
ADELMA DINIZ FERNANDES

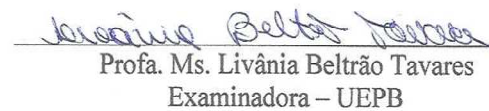
**A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
UMA REALIDADE ESCOLAR**

Aprovada em 02/10/2014

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Maria Célia de Assis
Orientadora – UEPB


Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre
Examinador – UEPB


Profa. Ms. Livânia Beltrão Tavares
Examinadora – UEPB

Campina Grande – PB

2014

Dedico

*A Deus que me presenteou com o dom da vida.
Aos meus pais Maria Ferreira e Sebastião Diniz,
que me ensinaram o verdadeiro valor de viver bem,
me dando lições que contribuem para meu crescimento humano.*

Agradeço,

A Deus que esta comigo em todos os momentos, conduzindo meus passos em tudo que faço e me ajudando a superar os desafios da vida.

A minha orientadora, professora Maria Célia de Assis, por acreditar em mim, reservando parte do seu tempo para me ajudar com seus conhecimentos, enriquecendo minhas ideias.

A todos os amigos, que contribuíram de forma tão significativa em minha vida, com palavras de incentivo e de otimismo.

A vocês, muito obrigada!

RESUMO

O nosso interesse pelo tema a agressividade na educação infantil surgiu no sentido, de alguma forma contribuir com aqueles cujo compromisso com a educação, consiste em desenvolver um trabalho, que além do conhecimento científico, tenha como eixo central o respeito ao próximo. E, por acreditarmos que apesar dos problemas que afetam o desenvolvimento infantil, algo deve ser feito, alternativas devem ser apresentadas, desde que as suas causas sejam percebidas, no início das relações entre as crianças, ainda na educação infantil. Para tanto, temos como objetivo: investigar e compreender as causas que levam às crianças da Educação Infantil há comportamentos agressivos com os colegas, com as professoras e, ou demais componentes da comunidade escolar. No encaço desse objetivo, teoricamente nos apoiamos, em autores como, Aquino (1996), Rufino (2006), Soifer (1992), Vygotsky (1996), Winnicott (1982) dentre outros. É uma pesquisa qualitativa, com características de estudo de caso. Para a coleta de dados, utilizamos questionários e conversas informais a quatro professoras que lecionam na educação infantil. Os resultados desta pesquisa proporcionam aos professores (as) uma reflexão acerca da prática pedagógica em sala de aula diante das crianças que apresentam comportamentos agressivos. E aos pais, a possibilidade de refletir melhor sobre o seu papel na educação e no desenvolvimento dos seus filhos.

Palavras-chave: agressividade, crianças, educação infantil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPITULO I - CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
1.1 A agressividade na educação infantil.....	10
1.2 O papel do professor diante a agressividade.....	13
CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	16
2.1 Participantes da pesquisa.....	16
2.2 Coletas de dados.....	16
2.3 Análise e interpretação dos dados.....	17
CAPÍTULO III- OUVINDO OS SUJEITOS DA PESQUISA:	
ASPROFESSORAS.....	18
3.1 O que pensam as professoras sobre a agressividade.....	18
3.2 Como se comportam as crianças aos se despedirem de pais ou responsáveis..	19
3.3 Como se dá a relação professor-aluno e aluno- aluno em sala de aula.....	20
3.4 Quais são os atos agressivos mais frequentes em suas salas de aula.....	20
3.5 Quais são as causas que levam as crianças a desenvolver comportamentos agressivos em sala de aula	21
3.6 Quais são as reações das crianças quando são contrariadas	22
3.7 Perguntadas sobre como o grande grupo reage em relação à criança agressiva.....	22
3.8 A respeito de suas atitudes para combater a criança agressiva	23
3.9 Indagadas sobre a participação da família na escola.....	24
3.10 Perguntadas sobre as atitudes dos pais ao serem informados dos atos agressivos de seus filhos.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS.....	28

As crianças são totalmente emocionais e pouco racionais.

*Por não saberem lidar com alguns sentimentos,
podem expressá-las por meio de atos agressivos.*

Keila Gonçalves

INTRODUÇÃO

As relações vivenciadas pelas crianças na escola, na educação infantil são de grande importância para o seu desenvolvimento cognitivo, tendo vista, ser o primeiro contato que elas têm com outras pessoas, diferentes do seu dia-a-dia familiar. O ambiente escolar favorece a criança, de certo modo, uma independência, em razão do contato que elas passam a ter com outras pessoas. Porém, esta independência poderá ou não, contribuir para a sua evolução cognitiva, uma vez que depende do processo de formação adquirido na escola, seja pelas relações estabelecidas na sala aula, seja nas relações escola-família, ou ainda, pelo acompanhamento profissional adequado e eficaz com esta fase tão importante na vida das crianças.

A adaptação escolar, certamente é um momento bastante conflituoso para a uma criança considerando as mudanças em sua rotina, ou seja, por passar a conviver com pessoas estranhas. Muitas crianças reagem bem a essas mudanças, outras não, inclusive apresentando comportamentos agressivos. A escola não jamais poderá se negar a ignorar ou excluir estas crianças, ao contrario, cabe a ela, sobretudo, aos professores e técnicos em educação, uma atenção especial, às crianças com estas características.

Diante disso, a nossa pesquisa tem como objetivo: **investigar e compreender as causas que levam às crianças da Educação Infantil há comportamentos agressivos com os colegas, com as professoras e, ou demais componentes da comunidade escolar.** Evidentemente, incluído no objetivo, estão às causas intrínsecas e extrínsecas à escola, por exemplo, o tempo em que elas permanecem na escola e como se relacionam com os pais.

O nosso interesse pelo tema não surgiu ao acaso, mas, a partir de nossas inquietações, vivenciadas no trabalho como professora de educação infantil. Por um lado, o contato direto com atos agressivos de algumas crianças; por outro, uma prática desfavorável a estes comportamentos.

Portanto, pensamos que a nossa experiência como professora da Educação Infantil, articulado com as leituras que fizemos as conversas informais e, os dados obtidos com os sujeitos participantes da pesquisa, nos dão sentido, para que, de alguma forma contribuir com aqueles cujo compromisso com a educação, consiste em

desenvolver um trabalho, que além do conhecimento científico, tenha como eixo central o respeito ao próximo.

Organizamos o trabalho em quatro partes:

Na primeira, denominada Fundamentação Teórica, apresentamos conceitos e concepções sobre agressividade infantil, apoiadas em estudiosos no assunto.

Na segunda parte - Considerações Metodológicas -, caracterizamos os participantes da pesquisa, o método para obtenção dos dados e procedimento de análise dos mesmos.

Na terceira parte, - Ouvindo os sujeitos da pesquisa: as professoras – mostramos o que pensam quatro professoras, em exercício na Educação Infantil, sobre a agressividade, nas salas de aula.

Na quarta e última parte - Considerações Finais-, formulamos ideias sintetizadas da análise desenvolvida durante o nosso trabalho sobre a agressividade infantil no ambiente familiar, e no ambiente escolar.

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 A agressividade na educação infantil

A Modernidade é uma fase marcada pelo individualismo e pela competitividade. Através disso, surgem ações prejudiciais ao ser humano, entre elas, a prática da violência, que conduz as pessoas a comportamentos indesejáveis, sobretudo, nas dificuldades de relacionamentos no meio social. Neste contexto social, insere-se a escola que além, das inúmeras dificuldades que enfrenta cotidianamente, enfrenta também, os problemas relacionados aos aspectos cognitivo, emocional e social dos alunos.

Nas últimas décadas, o fenômeno da violência nas escolas brasileiras tem sido alvo de preocupações a todas as pessoas que tem uma relação com a escola. Assim,

Por se tratar de um fenômeno complexo, onde estão envolvidas as diversas dimensões da experiência humana, não existe uma solução simples, porém a nossa convocação é a de que a violência na escola não deve ser compreendida como um fenômeno isolado, pelo contrário, faz parte de um processo mais amplo, que diz respeito ao contexto social como um todo. (ASSIS, Maria Célia, 2014, p. 89).

Logo, para que possamos compreender melhor este fenômeno no contexto escolar, se faz necessário reconhecer que, por se tratar de um fenômeno complexo onde estão envolvidas as diferentes dimensões da experiência, não é um fenômeno isolado, diz respeito ao contexto social como um todo.

A realidade deste fenômeno no ambiente escolar, não é recente, tampouco exclusiva dos dias atuais. Obviamente, nas últimas décadas tem alcançado grandes proporções, principalmente quando somos informados de que o ambiente escolar encontra-se configurado por um espaço de violência, ou violências, nas suas diferentes manifestações, entre elas a agressividade tema do nosso estudo.

A agressividade do indivíduo não é prioridade apenas dos que pertencem às consideradas classes sociais baixas, classe de menor poder aquisitivo, mas também as classes sociais altas. Desde logo, a agressividade se apresenta indistintamente, em qualquer tipo de indivíduo, em qualquer etapa da vida, na infância, na adolescência ou na vida adulta.

No período de vida, a infância, a agressividade pode manifestar-se em crianças desde as primeiras séries da Educação Infantil. Na maioria das vezes, transforma-se em um período de conflitos, de dificuldades, seja para a criança, seja para os professores, ou

ainda para os pais, que por desconhecimento não colaboram com a escola, considerando normal, próprios da idade, os comportamentos agressivos dos seus filhos.

Para melhor explicitarmos sobre agressividade, contamos com o apoio de autores como, França; Yaegashi (2005), inúmeros fatores contribuem para que a criança tenha um comportamento agressivo, entre eles, os fatores individuais e familiares. Em relação aos fatores individuais, o autor apresenta questões ligadas ao sexo, ao caráter, e as condições biológicas e cognitivas. E, a família, ora, pelos laços e contatos entre os seus membros, ora por desajustamentos, ou ainda a ausência de valores, terá grande influência no comportamento agressivo da criança.

Grunspun (1981), agressividade também poderá está relacionada a um distúrbio da sociabilidade, por isso deve ser de interesse de toda comunidade escolar, uma vez que se trata do desenvolvimento da criança.

Segundo Friedman (1996), o significativo aumento de atitudes agressivas na escola poderá está associado a outros fatores, como o de não priorizar valores éticos e morais; a falta de cursos de formação continuada dos professores para este fim; e a ausência de uma interação entre a escola e a comunidade. Tudo isto implica, como um todo em não saber lidar com a problemática em questão.

Diante disso, professores, gestores sentem-se enfrentam dificuldades para o desenvolvimento de um trabalho na escola e na sala de aula e a grande maioria dos pais sobre a melhor forma de como educar seus filhos, por um lado, pais procurando por meio do diálogo, conseguir a confiança dos filhos, porém, ao mesmo tempo deixam de estabelecer limites, deixando os filhos livres para fazerem o que é de desejo e, por outro lado, pais agindo com autoritarismo, estabelecendo regras rígidas, com castigos físicos, entre outros. Sobre isto, Aquino enfatiza que são,

[...] “pais autoritários” aqueles que, além de serem pouco comunicativos e afetuosos, são bastante rígidos, controladores e restritivos quanto ao nível de exigência de seus filhos. [...] Em contrapartida, os “pais permissivos” valorizam o diálogo (as opiniões das crianças são freqüentemente solicitadas e quase sempre aceitas) e o afeto. São pais que têm enorme dificuldade em exercer algum tipo de controle sobre a criança. Conseqüentemente, são bastante tolerantes e até mesmo indulgentes em relação aos desejos, atitudes e impulsos infantis (1996, p.50).

Não nos resta dúvida, que pais são indispensáveis para a formação das crianças, pois eles são seus espelhos, assim sendo exercem grande influência sobre o comportamento da criança. No entanto, muitos pais deixam de ter um contato direto, e diário com seus filhos, pela obrigação de sustentar a família. Sendo assim, obrigados a

deixarem seus filhos aos cuidados de terceiros. Para tanto, devemos considerar que a família,

[...] como o primeiro contexto de socialização, exerce, indubitavelmente, grande influência sobre a criança e o adolescente. A atitude dos pais e suas práticas de criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual (AQUINO 1996, p. 73).

Para os psicólogos Soifer (1992), Train (1997) a agressividade é considerada como uma seqüência de comportamentos, cujo objetivo consiste na intenção de causar dano a uma pessoa, caracterizado na repetição de comportamentos violentos muitas vezes para resolver problemas ou garantir interesses pessoais. Entre as agressividades destacamos as manifestações em crianças sob forma de “xingamentos”, “de bater portas”, “destruir brinquedos”, “chutar”, “bater nos amigos” e, “agredir professores e pais” (LEITE, 1987).

Continuando com o apoio dos estudiosos no assunto, Winnicott (1982), reputa a agressividade como uma das muitas, fontes de energia do indivíduo. Nesse sentido, estamos o tempo todo em contato direto com cargas de impulso agressivo. As formas de como são conduzidas esses impulsos, depende da diferença entre os indivíduos, formas extraídas da experiência do indivíduo relacionadas ao meio em que vive, bem como, das relações estabelecidas com as demais pessoas da sociedade.

Para o autor, a agressividade é algo natural e, de alguma forma faz parte do processo de crescimento do indivíduo, fazendo uso dela para reagir ao mundo ao seu redor.

O modo e a razão da agressividade se destaca no funcionamento psíquico gerando a delinquência e o comportamento anti-social na vida adulta, constituem um processo que se inicia precocemente e está estreitamente ligado ao desenvolvimento infantil (1982, p. 101).

É nesse momento que a família e a escola devem exercer a sua influência. O fato é que ninguém nasce socializado, por isso faz-se necessário inserir o processo de socialização desde a infância, para que tal aprendizado possa se desenvolver de maneira mais efetiva. Quando a criança inicia os seus primeiros dias na escola, passa a demonstrar através dos seus atos, suas experiências de vida. Muitas, oriundas de lares desfeitos, sem carinho, sem atenção da parte dos pais, dos familiares. Tais situações deixam as crianças suscetíveis, a comportamentos agressivos cujas consequências são desencadeadas pela destruição, fúrias, repúdios, insegurança, angústia entre outros.

Na Educação Infantil, a agressividade na maioria das vezes surge por determinantes como querer possuir ou desejar um espaço, brinquedos ou até mesmo uma incessante busca de atenção dos adultos. Isso pode ocorrer, pelo fato da criança se mostrar egocêntrica, ou, não ter ao seu dispor conhecimentos claros das regras impostas pela sociedade em determinados ambientes.

Lidar com a agressividade não é uma tarefa fácil, para os educadores, principalmente pelas nuances que ela apresenta, por exemplo, há crianças que explicitamente manifestam agressividades, outras, de forma retraída e silenciosa, porém com as mesmas consequências. Para tanto, o trabalho na escola,

[...] não deve ser individual, mas feito por toda a equipe pedagógica, a fim de discutirem e decidirem que posturas ou atitudes de prevenção adotar frente a estes possíveis conflitos que acontecem nas relações escolares (RUFINO 2006, p.24).

.Portanto, diante destes questionamentos acerca da violência manifesta sob a forma da agressividade, é pertinente ressaltarmos que atitudes sejam tomadas, que pais e educadores saibam escutar o que a criança tem a dizer e, quando ela não conseguir expressar-se verbalmente saibam como ajudá-la. É importante saber respeitar as individualidades de cada criança e como auxiliá-la no seu desenvolvimento, sem colocar em risco a sua integridade e as suas emoções.

1.2 O papel do professor diante a agressividade

Antigamente a educação de crianças pequenas era apenas da responsabilidade das mães, que por não trabalhar fora do lar, se dedicava exclusivamente a educação dos filhos. Com as transformações da sociedade, as mulheres ingressam no mercado de trabalho, por isto tiveram que deixar seus filhos com babas ou mesmo na escola. Por isto, surge a necessidade de uma escola de qualidade com um atendimento adequado a faixa etária pertencente à educação infantil. De acordo com MEC, a Política da Educação Infantil constitui,

Um aspecto importante na trajetória da educação de crianças de 0 a 6 anos, gerado pela sociedade, é a pressão dos movimentos sociais organizados pela expansão e qualificação do atendimento. Historicamente, essa demanda aumenta à medida que cresce a inserção feminina no mercado de trabalho e há uma maior conscientização da necessidade da educação de criança sustentada por uma base científica cada vez mais ampla e alicerçada em uma diversificada experiência pedagógica. (2001, p.6).

Naturalmente os requisitos apresentados no documento, estão fundamentalmente dirigidos para o processo de formação dos professores. Formação que requer teoria e praticas capazes de revelar a violência sob forma de agressividade, com isso garantir aos professores condições não só de identificá-la, mas, sobretudo antecipar-se a ela, de prevenir a agressividade. Igualmente, criar um espaço possível de discussão acerca do tema e de uma relação efetiva entre a escola e os pais.

Dessa maneira, é possível colaborar com o relacionamento da criança com a família, é possível acompanhar e oferecer a criança, o tempo necessário para sua maturação, bem como, possibilidades para que ela possa adquirir ferramentas, para evitar tensões, ou conflitos nos momentos de convivência e das descobertas. Durante este processo, ela passa ver nos pais ou professores, bons exemplos de comportamentos e atitudes como: manifestação de afeto, segurança, senso de responsabilidade e de cooperação. Pois, como ressalta Winnicot (1982, p. 223), “as tensões que são geradas num ambiente se manifestam como perturbações no comportamento do outro”.

Para tanto, Locateli, alerta que é importante reconhecer que não existem crianças totalmente agressivas, que a agressividade não é um traço da personalidade, mas, uma forma instintiva, inata. Considerando que a criança não completou seu amadurecimento moral e intelectual,

Existem, obviamente, situações nas quais é normal que, por um curto período, a criança apresente comportamentos mais agressivos, como nos casos de separação dos pais, com a chegada de um irmãozinho, a presença de pessoas novas morando em casa, como avós, primos, etc. pequenas brigas, amiguinhos e colegas também não devem ser motivos de preocupação. (LOCATELI, 2002, p.17).

Nesse contexto, se faz necessário, escola e família proporcionarem a criança uma convivência com outras, da mesma faixa etária, visto que irá influenciar no engrandecimento do seu desenvolvimento, no trazer benefícios tantos nos aspectos emocionais quanto nos aspectos cognitivos. Com isto, as relações vão se construindo, se ampliando as trocas de experiência, como também, levando-as a perceberem o que não faz parte da sua identidade.

Em relação à instituição escolar, cabe a ela uma parcela importante na construção desse processo, visto que, uma das suas responsabilidades é contribuir com a formação do emocional da criança, é oferecer a criança espaços, onde ela possa encontrar bases e fortalecimento para respeitar a diversidade, para lidar com a multiplicidade e, ainda, procurar junto aos órgãos governamentais, apoio no sentido de possibilitar aos professores e professores cursos de formação destinados a este fim, isto

é, instrumentos teóricos e práticos adequados para lidar com a agressividade, haja vista, o empenho, a disposição e a aspiração destes em prol de mudanças, isto é, a favor de uma educação de qualidade, ou melhor, “a consciência da cooperação como num movimento de síntese interior-exterior, se mantém em constante renovação e nos instiga a abrir os olhos e enxergar com o coração e descobrir nossas mais essenciais aspirações” (BROTTO, 2001, p.136).

Portanto, inovar, pesquisar, refletir, criticar, compreender, ter compromisso com seu ofício, acreditar em uma prática pedagógica refletida desde o processo da ação-reflexão-ação é ter consciência que a educação é uma forma de intervenção no mundo, (FREIRE, 1997), é uma forma de intervir na realidade.

CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Com a finalidade de buscarmos alternativas para os problemas relativos a agressividade existente nas salas de aula da Educação Infantil, o nosso percurso metodológico tem como princípio descrever o método por nos escolhido para obtenção dos dados e os procedimentos de análise dos mesmos. Para tanto, nos apoiamos na pesquisa qualitativa, que,

Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. A pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles confere (Denzin; Lincoln, 2010, p.17).

Quanto ao universo pesquisado, procuramos defini-lo de modo que sua análise se desenvolva como um Estudo de Caso, que segundo Triviños (1987), é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente. Esta definição determina suas características que são dadas por duas circunstâncias. Por um lado, a natureza e abrangência da unidade. Por outro lado, a sua complexidade está determinada pelos suportes teóricos que servem de orientação em seu trabalho ao investigador.

2.1 Participantes da pesquisa

Em uma pesquisa qualitativa os sujeitos devem ser definidos e submetidos a um processo de seleção, neste sentido elegemos como participantes da pesquisa, quatro professoras que lecionam na Educação Infantil em duas escolas uma Pública e a outra Privada, localizadas na cidade de Campina Grande-PB. As professoras possuem formação acadêmica em Magistério e Pedagogia.

2.2 Coletas de dados.

Para a coleta de dados utilizamos o questionário, haja vista ser “constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador” Marconi; Lakatos (2003, p. 201), elaborado com questões abertas, simples, a fim de possibilitar aos participantes, respostas espontâneas sem qualquer persuasão da nossa parte.

Os questionamentos adotados foram os seguintes:

- Visão pessoal sobre agressividade

- Relação professor-aluno, aluno- aluno, em sala de aula.
- Atos agressivos mais frequentes em sala de aula.
- Causas da agressividade em sala de aula.
- Atitudes da professora diante das agressividades entre as crianças.

2.3 Análise e interpretação dos dados

A análise e a interpretação dos dados são dois processos, apesar de conceitualmente diferentes, aparecem estreitamente relacionados (GIL, 2007). Devido a isto realizamos ambas, procurando um equilíbrio, de modo que os resultados apresentem-se reais e significativos. Assim, sendo este o momento em que buscamos encontrar um sentido para os dados coletados e em apresentar como eles responderam ao nosso objetivo de pesquisa consideramos como a etapa final do nosso estudo.

Por conseguinte, sem deixarmos de considerar as recomendações da pesquisa qualitativa fizemos uma avaliação do material, por nós coletado nos questionários, descrevendo-as, e ao mesmo tempo, interpretando-as, com o apoio que nos deram os estudiosos. Isto feito nos propiciou o conhecimento das opiniões das professoras. Obviamente, em um estudo qualitativo, os resultados não se generalizam, mas serve para compreender melhor o problema, no caso, a agressividade na educação infantil, com vistas a iniciativas que minimizem os problemas que atingem os comportamentos no contexto social atual.

Portanto, esta foi a nossa caminhada metodológica, sem nenhuma dúvida, além de nos auxiliou na condução do estudo em pauta, nos fez acreditar na relevância dos resultados.

CAPÍTULO III- OUVINDO OS SUJEITOS DA PESQUISA: AS PROFESSORAS

O universo da pesquisa é constituído por 04 professoras, com idade entre 26 e 32 anos e tempo de serviço variando de 6 a 12 anos de profissão. São profissionais que exercem a sua ação pedagógica com a responsabilidade que lhes cabe no processo ensino aprendizagem da Educação Infantil.

A vista disso, passamos a apresentar o que elas pensam sobre a agressividade, nas salas de aula, porém, para que possamos preservar as suas identidades iremos identificá-las pelas seguintes denominações: P1, P2, P3, P4.

3.1 O que pensam as professoras sobre a agressividade

Iniciamos a nossa análise e interpretação a partir de questionamentos acerca da conceituação refletida sobre a agressividade

Para as professoras P1 e P2,

Agressividade é um comportamento com a intenção de ferir alguém fisicamente ou verbalmente.

E, para as P3 e P4,

Agressividade é um comportamento anormal contra professores e colegas de forma violenta. É o ato de não saber se relacionar com outro de forma amigável.

Observamos nas respostas das professoras que, a agressividade pode se manifestar de diversas formas. Contra si, ou contra o outro, como um comportamento anormal ou um ato de agredir fisicamente ou verbalmente. Ou seja, nos primeiros anos de vida é natural é aceitável que a criança responda com impulsos agressivos aquilo que lhe contraria, lhe incomoda, pelas dificuldades de saber lidar com frustrações, regras e limites. Sobre isto, Ventura, Deyse de Freitas Lima; Seitenfus Ricardo Antônio Silva, (2005) diz que Freud em sua teoria da personalidade, já dizia que, ao nascer, o homem tem apenas a primeira estrutura, o Id, que representa os instintos. Nos primeiros anos de vida precisam ser atendidos imediatamente em suas necessidades; [...] assim, pouco a pouco vai se formando a segunda estrutura, o Ego, em que, uma de suas funções é desenvolver no indivíduo a capacidade de suportar as frustrações, ou os desejos não atendidos ou adiados.

Nesse contexto, é fundamental a família acreditar na importância dos limites para a educação dos filhos. Dar limites implica na compreensão e apreensão do outro, implica que ninguém pode respeitar o outro se não aprender que nem sempre se pode fazer tudo que se deseja, por isso se faz necessário que a criança interiorize a ideia de que poderá fazer muitas coisas, porém a maioria dessas coisas nem sempre é possível. Essa diferença pode parecer sutil, no entanto é fundamental, pois, ao satisfazer o seu próprio desejo sem pensar no direito do outro, tende a prejudicar o outro. (ZAGURY, 2004). Daí, ser indispensável à família ensinar seus filhos, a tolerar frustrações, para que, no futuro, possam com equilíbrio e maturidade superar os problemas da vida.

3.2 Como se comportam as crianças aos se despedirem de pais ou responsáveis.

Enquanto, que para as professoras,

P1, P3 e P4 na maioria das vezes ocorrem normalmente. Algumas vezes, uma ou duas crianças fazem resistência em determinados dias para se despedir dos pais ou portadores.

Para a professora P2,

A maioria das crianças se despede com tranquilidade com beijos e abraços. Outras fazem birras com os pais, resistindo a entrar na sala de aula.

Observamos nestes depoimentos, as dificuldades que sentem algumas crianças ao se despedir dos pais ou responsáveis. Enquanto que, umas se despedem normalmente outras fazem birra. As razões podem ser, ora, porque estão querendo chamar atenção dos pais ou das professoras, ora por outras razões. Todavia, uma das maneiras para descortinar estas razões, encontra-se necessariamente no diálogo, entre professor, aluno e pais, isto é, entendido como,

Uma espécie de postura necessária, na medida em que os seres humanos se transformam cada vez mais em seres criticamente comunicativos. O diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade tal qual como fazem e re-fazem. Outra coisa: na medida em que somos seres comunicativos, que nos comunicamos uns com os outros, enquanto nos tornamos mais capazes de transformar nossa realidade, somos capazes de saber que sabemos, que é algo mais do que só saber. [...] Através do diálogo, refletindo juntos sobre o que sabemos e não sabemos, podemos, a seguir, atuar criticamente para transformar a realidade. (FREIRE, 2001, p. 123.

Nesse contexto, sendo as relações entre escola e família, efetivamente apoiadas no diálogo, certamente, os caminhos encontrados para desmistificar as relações de

agressividade na Educação Infantil, estão apoiados na compreensão, na esperança, no afeto e no amor.

3.3 Como se dá a relação professor-aluno e aluno- aluno em sala de aula.

As professoras P1, P2 e P3, opinam que,

A relação professor-aluno acontece de forma bastante harmoniosa, tento compreendê-los e respeitá-los. Algumas insatisfações por parte dos alunos devem-se ao fato de não aceitarem serem repreendidos.

Já a relação aluno-aluno é marcada, ora, por amizades, ora por brigas, ou seja, ora convivem harmoniosamente, ora, brigam por bobagens, cujas consequências são desentendimentos seguidos de atos agressivos.

A despeito disso, a nossa compreensão é que as relações professor-aluno e aluno-aluno são marcados por momentos positivos e negativos. Para Vygotsky (1996), as relações entre professor e aluno devem se dar em um ambiente de cooperação e respeito, de modo a contribuir com o crescimento do saber para ambos. Igualmente, na relação aluno-aluno, uma vez que, a interação de uns com os outros é fundamental em qualquer tipo de relação.

Ainda, sobre a relação professor-aluno na educação infantil, retomamos ao pensamento de Freire ao considerar que é através do dialogo que a educação se torna um momento de igual participação entre professor e aluno. Ou seja, um momento dialógico, um momento propício para auxiliar a relação de ambos no cotidiano da sala de aula. Sobre isto, ele questiona,

Porque será que alguns educadores consideram bizarra esta perspectiva de uma educação dialógica? Porque consideram esta perspectiva do ato do conhecimento como algo bizarro que veio do terceiro mundo? Como é possível pensar assim? A educação dialógica é uma posição epistemológica e não uma prática estranha. (FREIRE, 1996, p.125):

Portanto a educação dialógica proposta por Freire se apresenta como uma nova e inovadora concepção pedagógica. Isto é, não se trata apenas de uma educação de transmissão de conteúdos, em que só o professor é detentor do saber e o aluno cabe somente a ouvir, ler, decorar e repetir, mas uma educação onde ambos são sujeito do processo de aprendizagem.

3.4 Quais são os atos agressivos mais frequentes em suas salas de aula.

As professoras P1, P2, e P3, responderam,

Xingamentos, empurrões, chutes, pisões, tapas e algumas vezes mordidas.

A professora P4,

Gritos, beliscões e tapas.

Obviamente, as professoras afirmam que atos agressivos estão presentes nas salas de aulas das crianças da Educação Infantil. Segundo Soifer (1992), as crianças agressivas são aquelas que geralmente se destacam na escola, em casa, no ambiente social; apresentando atitudes como: empurrar, beliscar, bater, gritar, chutar, destruir objetos. Comportamentos revelados pela a sua realidade familiar, o que acontece é que a criança leva involuntariamente para sociedade, inclusive para a escola os hábitos de seu universo familiar, ou por que a criança nesta faixa etária tende a torna-se egocêntrica e egoísta, vendo ou sentindo a escola como uma continuação de sua casa. No entanto, deve ficar claro para criança que a escola é um complemento da sua educação com conhecimentos necessários e fundamentais na sua formação para o convívio social.

3.5 Quais são as causas que levam as crianças a desenvolver comportamentos agressivos em sala de aula.

Para as professoras P1, P2 e P3 são,

Disputa por brinquedos, ausência de afinidades, e resistência às regras de convivência.

Para a professora P4,

Quere ser o primeiro em tudo, achar que faz melhor do que o outro.

Algo de errado na escola está acontecendo com estas crianças. Não é um comportamento normal, crianças se irritam facilmente, simplesmente por não aceitarem dividir brinquedos, ou imposição de normas. De acordo a psicóloga Cristina Locatelli,

Entre os fatores desencadeadores de procedimentos agressivos estão: temperamento difícil e impulsivo; falta de carinho; violência física ou emocional; ausência de limites ou tolerância excessiva dos pais; excesso de energia mal canalizada; necessidade de experimentar limites até reconhecer os próprios controles; não tolerar frustrações ou até mesmo deficiências físicas ou mentais ainda não descobertas. (2002, p.76).

Sendo à convivência da criança no ambiente escolar ou em sociedade, uma etapa natural do seu desenvolvimento, é papel da família agir com ações seguras, porém com afeto, assim a criança vai aprendendo a se conduzir na escola, na sociedade, vai adquirindo o respeito por si e pelos outros, sem a necessidade de agredir. Enfim, vai internalizando o que é conviver de forma harmônica e civilizada em qualquer ambiente que se encontre. (ZAGURY 2004).

No ambiente escolar cabe à professora, além de uma relação respeitosa e afetuosa, conhecimentos teórico-prática adquiridos na formação inicial ou continuada, para que possam saber lidar com este fenômeno da violência, ou seja, da agressividade.

3.6 Quais são as reações das crianças quando são contrariadas.

Para as professoras P1, P4,

Fazem birras, batem e gritam.

E para as promissoras P2 e P3,

Em determinados momentos ficam mais agressivas, choram.

Nestas falas percebemos ainda que implicitamente, que as crianças de modo geral são mimadas, individualistas, quer fazer tudo ao seu tempo e ao seu modo, e quando contrariadas reagem com comportamentos agressivos. Um dos motivos pode ser que, pela a falta de maturidade emocional, a criança passe a reagir diante de situações, deixando-a contrariada. Porém, é imprescindível considerar que toda criança tem dificuldades no autocontrole de suas emoções, no entanto, é também imprescindível observar a forma como ela é cuidada no ambiente familiar.

Além disso, existem outros problemas como, a entrada precoce na escola; a imensa variedade de jogos (vídeo games) e desenhos infantis, que na verdade ao invés de auxiliar no desenvolvimento cognitivo da criança, colabora com as manifestações agressivas. Para Ozella (1979), as agressões aprendidas através de exemplos de modelos mediadores têm a capacidade de desinibir comportamentos ou eliciar novos.

3.7 Perguntadas sobre como o grande grupo reage em relação à criança agressiva,

Obtivemos as seguintes respostas,

Professoras P1, P2 e P3,

Ficam com medo e não aceitam interagir com a criança agressiva.

Professora P4,

Não querem ficar perto das crianças agressivas, ficam assustadas.

De acordo com os relatos percebemos que enquanto algumas crianças se assustam facilmente; são sensíveis a gritos; rejeitam agressividade, uma vez que, por medo evitam aproximação com aquelas que apresentam comportamentos agressivos. Outras aparentam estar sempre preparadas para agredir, como se isto fosse um mecanismo de defesa, com isto, têm dificuldades de relacionamento e se destacam do grupo pela dificuldade que tem de cumprir regras, também às vezes, não produzem o esperado para sua idade.

Nem por isso podemos pensar ou dizer que “atualmente os nossos alunos são mais agressivos na sua forma de manifestar-se física ou oralmente, não significa dizer que a educação está mais difícil, mais sim, desafiadora”. (FREIRE 1996, p.19).

Portanto, a agressividade é mais um dos desafios para o professor, o que significa dizer, que ele deve ser competente e seguro, para saber intervir de forma clara e objetiva com instrumentos adequados a uma convivência saudável, amigável. É importante também estabelecer uma relação de amizade e confiança, certamente, se tornara mais fácil ao professor estabelecer os limites adequados para o bom andamento da sala de aula.

3.8 A respeito de suas atitudes para combater a criança agressiva,

As professoras P1, P3 respondem,

Sempre converso com a criança explicando quais atitudes não são corretas, também retiro a criança das brincadeiras.

As professoras P2 e P4,

Num primeiro momento procuro usar uma linguagem que a criança entenda, mostrando que se o fato ocorrido tivesse sido com ela, se acharia bom. Mas também retiro da brincadeira e coloco-a de repouso.

Não é fácil compreendermos estas situações, ou seja, ao mesmo tempo, em que as professoras enfatizam que utilizam o dialogo como prioridade, enfatizam que impedem as crianças consideradas agressiva das brincadeiras com as demais, além disso, colocando-as de repouso para poderem refletir. Repouso que na acepção correta

se traduz em castigo, punição. Não podemos deixar de reconhecer que diálogos e punições, adequados, nas horas certas podem surtir efeitos satisfatórios, porém trata-se de um processo contínuo, no intuito de amigavelmente, respeitosamente e afetuosamente fazer com que as crianças consideradas agressivas venham conseguir mudanças nas suas atitudes. O papel do professor diante dessas situações é o de adotar uma postura positiva, aproximando-se das crianças, e de forma compreensiva proporcionar atitudes de escuta e de acolhimento.

Para Silva (2006), os comportamentos agressivos das crianças ao ser identificado pelo professor devem ser tratados de forma adequada, e não com castigos ou ameaças verbais. Ao impor castigo à criança o professor não estará de maneira alguma tentando diminuir os comportamentos indesejáveis em sala de aula, ao contrário, não ensinará, por si só, e nem reduzirá o desejo de realizar um comportamento inadequado, o mais importante do que o castigo é o tom e o posicionamento do professor diante do aluno (BANDURA, 1969).

3.9 Indagadas sobre a participação da família na escola.

As professoras P1, e P4, responderam,

Alguns pais têm a preocupação de saber sobre o rendimento e o comportamento dos seus filhos. Mas não é a realidade de outros pais que não procuram saber nada sobre a vida escolar de seus filhos.

As P2 E P3,

A parceria da família e a escola no contexto atual se encontram bastante deficitária. Alguns pais têm uma participação ativa com a escola, acredito que pela faixa etária que a turma apresenta. Outros, porém, mesmo com essa participação não contribui em nada no processo escolar dos filhos.

Os relatos das professoras deixam claro que a maioria dos pais ainda desconhece a importância da fase da Educação Infantil na vida de seus filhos. Para uns, seus filhos frequentam a escola apenas para brincar, assim, desconhecendo a importância desse processo. Para outros, o desinteresse. Por esses, motivos deixam de procurar saber das professoras, sobre a aprendizagem e o comportamento de seus filhos, impedem a parceria entre eles e a escola. Se houvesse interesse da escola e dos pais como desenvolvimento integral da criança, se houvesse trocas de informações entre

professoras e pais, seria bem mais fácil prevenir e combater a violência sob a forma de agressividade na educação infantil.

Conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente em seu Parágrafo Único, Capítulo IV, “é direito dos pais ou responsáveis ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais”, ou seja, convocar as famílias para o cotidiano da escola, é uma proposta do ECA, o que ainda falta é concretizar a proposta e colocar a Lei na prática.

Assim sendo, a participação da família na escola é uma necessidade, considerando a sua imprescindível contribuição com vistas a um melhor desempenho dos filhos, pois dificilmente será conseguida alguma mudança na escola se não se partir da participação efetiva, em especial pais ou responsáveis pelos alunos, neste caso, pelas crianças. Na medida em que a escola oferece a estes ocasiões de diálogo, de convivência verdadeiramente humana, mostrando-lhes quão importante é sua participação, certamente, juntos encontrarão alternativas se não para abolir, mas para amenizar o fenômeno da violência manifesto sob a forma de agressividade. Dessa forma, a família e a escola são pontos de apoio e sustentação para a criança. Quanto melhor for a parceria entre ambas, mais positivos e significativos serão os resultados na formação dessa criança, e no seu processo de aprendizagem.

3.10 Perguntadas sobre as atitudes dos pais ao serem informados dos atos agressivos de seus filhos,

As respostas foram as seguintes,

Professoras P1, P2 e P4,

Alguns pais repreendem seus filhos, falam que vão conversar e colocar de castigo. Outros afirmam desconhecer tais comportamentos de seus filhos.

Professora P3,

Dizem que vão conversar explicam que em casa não agem dessa forma.

Percebemos que, quando os pais são informados pela escola sobre as atitudes agressivas dos seus filhos, de alguma forma, entendem o seu papel na educação, no entanto, este entendimento se desfaz quando negligenciam a agressividade, assim

passam a contribuir para sua acentuação, atitudes agressivas frequentes podem transformar-se em problemas futuros.

Isto nos leva a acreditar que se deve a falta de diálogo entre pais e filhos. Por isso, os pais precisam agir com autoridade, precisam estabelecer limites, precisam conscientemente assumir suas responsabilidades perante a educação de seus filhos. Assim sendo, deixar de delegar a escola, toda a responsabilidade com a educação. Porém, é necessário, que nenhum coloque culpa ou responsabilidade pelos problemas existentes no ambiente escolar no outro. É necessário, porém, que juntos busquem alternativas se não para abolir a agressividade, mas para preveni-la e amenizá-la.

Segundo, Piaget,

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola, chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades. (2000, p.50)

Desde logo, implica dizer que o pensamento de Piaget reforça cada vez mais o que explicitamos anteriormente, ou seja, é essencial para o desenvolvimento da criança.

Portanto, resta-nos dizer, que de alguma forma, procuramos com este trabalho contribuir para que a agressividade na educação infantil, seja prevenida, combatida e assumida, como prioridade, compromisso e responsabilidade pelos órgãos governamentais, escola, pais e responsáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término da pesquisa, percebemos que o comportamento de algumas crianças é influenciado por diversos fatores, entre outros, a rejeição as normas impostas pela escola. Como já explicitamos anteriormente, compreender o porquê dessa rejeição é prioritário, aos professores e, aos pais, no sentido de ajudá-los, ouvindo o que eles têm a dizer, ou mesmo quando não conseguem expressar-se verbalmente. Atitudes extremistas se refletem no comportamento da criança.

Nesse contexto, cabem aos professores descobrir as causas, que levam as crianças a se tornarem agressivas, para melhor saber lidar com elas, as crianças. A priori, compreender que as causas podem estar relacionadas ao meio interno a escola ou, ao meio externo, a família; Respeitar as características de cada uma para auxiliar no seu desenvolvimento, sem colocar em risco sua integridade e suas emoções. As atividades desenvolvidas na sala de aula, de preferência, em equipe, considerando as possibilidades de a criança refletir sobre as suas ações e vivências; ampliar o universo simbólico da criança oferecendo-as atividades diversificadas e simultâneas; valorizar as opiniões e sugestões da criança e dar limites.

Igualmente, uma reflexão sobre sua prática pedagógica, essa reflexão, exige voltar-se a própria prática, refletir sobre ela, contudo, reconhecendo-a como uma fonte de conhecimento, por se tratar de uma forma de investigação e experimentação. Por isso, o conhecimento só pode ser construído em contato com esta mesma prática. No esforço de interpretar a atividade que se desenvolve, o professor vai produzindo uma teoria original e organizando um corpo específico de conhecimento, o conhecimento prático profissional.

E, o reconhecer que o cotidiano da sala de aula é sempre instável, daí ser necessário reinterpretar cada situação agressiva, em decorrência do confronto desta com outra experiência já vivida, a qual nunca se reflete. Nesta perspectiva, o professor necessita ser um pesquisador que questiona o seu pensamento e a sua prática, age reflexivamente no ambiente dinâmico, toma decisões e cria respostas mais adequadas por serem construídas na própria situação concreta. O processo de construção que vai elaborando, pouco a pouco, o novo conhecimento profissional possibilita uma melhor compreensão da realidade e reforça a responsabilidade pela tomada de decisão.

No entanto, não devemos deixar de considerar, as dificuldades dos professores, por diversos fatores, em especial, a falta de cursos de formação continuada direcionados a violência, não só com base em conteúdos sistemáticos, mas, com as respectivas áreas de conhecimento.

E da escola, a falta de profissionais qualificados e multidisciplinares, como psicólogos, psicopedagogos e gestores.

Quanto aos pais ou responsáveis, participar mais ativamente da vida escolar de seus filhos, em parceria com a escola, para que juntos possam resgatar essas crianças, conduzindo-as a uma convivência harmoniosa com as demais crianças e com toda a sociedade.

Por fim, que as ações que visam tratar o problema da agressividade na instituição escolar não sejam apenas pontuais, mas, que venham também a compor um trabalho social, com iniciativas que minimizem os problemas que atingem os comportamentos no contexto social atual.

Trabalhar com a agressividade no ambiente escolar, não é uma tarefa fácil, exige tempo, paciência e compreensão. Exigem dos pais e professores, carinho, afeto e muito amor com as crianças.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Maria Célia de. **Violência na escola: compreensão de um fenômeno social em João Pessoa-Paraíba-Brasil**. 2004. 263f. Tese de Doutorado em Sociologia. IRSA- Institut de Recherche Sociologique et Antropologique. CRI- Centre de recherche sur L'Imaginaire. Université paul Valéry. Montpellier III- França, 2014.
- AQUINO, Groppa Júlio. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.
- BANDURA Albert. **Aprendizagem Social Y Desarrollo de La Personalidad** 15. ed. Madrid: Alianza, 1969.
- BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: o jogo o e o esporte como um exercício de convivência**. Santos, SP: Projeto Cooperação, 2001.
- BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente – ECA**. Brasília, Distrito Federal: Senado, 1990.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a Educação infantil**. Brasília: MEC/ SEF. 2001.
- BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: o jogo o e o esporte como um exercício de convivência**. Santos, SP: Projeto Cooperação, 2001.
- DENZIN, Norma K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed. 2010.
- FRANÇA, Sandra Luciene; YAEGASHI, Solange Franci Raimundo. A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e consequências. *Iniciação Científica CESUMAR*, v. 7, n. 1, pp. 11-8, jan.jun. 2005.
- FREIRE, Paulo; Shor Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim tia não: cartas a quem ousa ensinar**. 8 ed. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- _____. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á pratica educativa**. São Paulo: paz e terra, 1996.
- FRIEDMAN, Adriana. **Brincar: crescer e aprender – O resgate do jogo infantil**. São Paulo: Moderna 1996.
- VENTURA, Deisy de Freitas Lima; SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?. Faculdade de Santa Maria - FADISMA, Santa Maria RS, 2005.

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GRÜNSPUN, Haim. **Distúrbios neuróticos da criança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 1981.
- LEITE, S.A.S. **Agressividade**. 2. ed. São Paulo: Edicon, 1987.
- LOCATELLI, Cristina. **Agressividade infantil: relax e reprogramação emocional para criança - um guia para pais, educadores, professores e futuro pais**. 2. ed. São Paulo: Sucesso, 2004.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- OZELLA, Sergio. **A representação social dos pais sobre a vida familiar e o comportamento agressivo dos filhos: um estudo exploratório**. 1979.174f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1979.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação**. Rio de Janeiro. José Olímpio, 2000.
- RUFINO, Z.L.D. **O Cotidiano escolar e a agressividade**. 2006. 24f. (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia), Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas-PROESP. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2006.
- SILVA, C. **Apresentação da indisciplina na sala de aula**. Lisboa Instituto Superior de Psicologia Aplicada. 2006.
- SOIFER, Raquel. **Psiquiatria infantil operativa: psicologia evolutiva e psicopatologia**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- TRAIN, ALAN. **Ajudando a criança agressiva - Serie educação especial**, 4. ed. Campinas SP: Papyrus, 1997.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. 1ª ed. São Paulo: Atlas, 1987.
- VYGOTSKY, Lev Semynovich. **A formação Social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- VENTURA, Deyse de Freitas Lima; SEITENFUS Ricardo Antônio Silva. **Um diálogo entre Einstein e Freud: por que a guerra?** Faculdade de Santa Maria – FADISMA, Santa Maria RS, 2005.
- WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: JC, 1982.
- ZAGURY Tania. **Limites sem traumas**. Rio de Janeiro: Record, 2004.